

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO EDIFICAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F30	--
	UF	sítio-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Comunidade <i>Mbyá-Guarani</i> em São Miguel Arcanjo
LOCALIDADE	Reserva Indígena Inhamatupum
MUNICÍPIO / UF	SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Oó – Moradia tradicional <i>Mbyá-Guarani</i>
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Oó, casa tradicional, casa de taquara, <i>Mbyá'ro</i>
ENDEREÇO	Reserva Indígena Inhamatupum – <i>Tekoá Koenju</i>
PROPRIETÁRIO	Famílias <i>Mbyá-Guarani</i>
AUTOR DO PROJETO	<i>Ogapuá</i> (“o que levanta a casa”), pessoa conhecedora das técnicas tradicionais de construção das casas <i>Mbyá</i> . Na <i>Tekoá Koenju</i> Bonifácio Ferreira (<i>Karai Miri</i>) exerce essa função e é constantemente requisitado para construir as casas na aldeia [883]. Ele conta com a participação de outros <i>Mbyá</i> e constrói as casas desde um projeto mental [879].
CONDIÇÃO ATUAL	☒ ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA
CATEGORIA	☒ CIVIL ☐ MILITAR ☐ RELIGIOSA ☐ INSTITUCIONAL ☐ INDUSTRIAL ☐ COMEMORATIVA ☐ MOBILIÁRIO URBANO OU OBRA DE ARTE
ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO	Vem sendo tradicionalmente construída seguindo um padrão construtivo durante os deslocamentos dos <i>Mbyá</i> entre Paraguai, Argentina e Brasil há pelos menos 400 anos. Este padrão é reproduzido também nos outros estados do Brasil, com algumas variantes. Algumas aldeias possuem na maioria casas tradicionais, sendo as construídas pelo não-indígena apenas poucas, porém, em outras as casas do branco predominam, ainda que muitas vezes acompanhadas da oó. As casas não são permanentes, apresentando uma durabilidade relativa de acordo com as condicionantes físicas (qualidade técnica da construção e clima da região), e sociais, por exemplo, abandono da moradia por causa de constantes mudanças das famílias ou morte de um dos seus membros. A época da construção segue a necessidade material da comunidade, ou seja, se precisam de casa, a constroem, em mutirão, geralmente. Uma condicionante fundamental é o acesso ao material necessário para a construção, sendo quase sempre sua falta o motivo da não construção de casas tradicionais.
DENOMINAÇÃO	Oó – Moradia tradicional <i>Mbyá-Guarani</i>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--
--	----	----	----	----	------------	----

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

217 – Casa tradicional 4 881 – Colocação do telhado de taquara 912 – Fundos de casa tradicional 914 – Casa de barro e casa de madeira
--

4. DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

4.1 AMBIÊNCIA
Assim como a maioria das aldeias <i>Mbyá-Guarani</i>, a <i>Tekoá Koenju</i> é formada por pequenas habitações que se posicionam em campo aberto, próximas à borda do mato, que as protege dos ventos de inverno. Afora este aspecto, a disposição territorial das edificações não segue uma regra geométrica fixa, dando a falsa impressão de as casas estarem dispersas aleatoriamente pela aldeia. Como é comum a outros povos indígenas da família Tupi-Guarani, cada família decide o local de implantação de sua casa, observando-se a proximidade das casas segundo as relações de parentesco. O acesso às casas ocorre geralmente através de pequenos caminhos que criam uma rede ligando as casas. Estes caminhos são criados e mantidos pelo seu trilhar. As casas são relativamente distantes umas das outras, sendo difícil determinar um “centro” da aldeia. A casa do cacique localiza-se estrategicamente na entrada da aldeia, entorno à qual vivem seus parentes mais próximos. Cada casa tem um pátio marcado pelo cuidado diário de limpeza deste espaço pelas famílias <i>Mbyá</i> (antes de construir a casa, o pátio é limpo de todas as ervas e gramíneas e assim é configurado e mantido durante todo o uso da edificação). Além disto, o domínio de cada família também se estende às áreas de cultivo (roças familiares). O espaço do pátio é o limite para a sociabilidade das crianças pequenas, podendo os pais e irmãos mais velhos observar os pequenos enquanto brincam, sem os perder de vista. É no pátio também que as famílias acomodam-se para produzir o artesanato, próximos ao fogo de chão, em frente à casa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES

--

--

--

--

F30

--

4.2 CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS

A *oó* é a moradia tradicional *Mbyá-Guarani*, construída com troncos, barro e taquara. Sua estrutura é feita em madeira e suas paredes são levantadas através de um esqueleto de taquara revestido com barro, produzido dentro da própria aldeia.

O processo de construção das *oó* segue estas etapas:

Primeiro coletam a taquara na mata ciliar do rio Inhacapetum, armando em seguida a estrutura de troncos, que são fixados no chão de terra previamente varrido e preparado. O telhado é o primeiro a ser concluído, quando só então se faz o revestimento das paredes e sua posterior cobertura com barro.

As casas tradicionais *Mbyá* seguem o padrão construtivo e formal desenvolvido pela etnia para adaptação às condicionantes físicas do entorno e principalmente às necessidades culturais, como o uso do fogo, o hábito de não permanência na edificação (utilizada somente durante a noite e dias de chuva), entre outros.

A casa é pequena, tendo aproximadamente 3x4m (12m²), podendo ser maior de acordo com o tamanho da família. Algumas determinantes para a dimensão da casa são: o uso (somente à noite); o hábito da família de dormir reunida; o condicionamento térmico (o uso do fogo, que é mais eficiente em ambientes menores e o próprio calor humano).

Conforme mencionado, as plantas são retangulares com dimensões de 3m na fachada principal por 4m nas laterais. Existe apenas um acesso, geralmente na fachada leste. Não possui janelas. Geralmente seis pilares configuram a planta, sendo quatro nos cantos e dois localizados na mediatriz das fachadas menores. Estes pilares centrais são mais altos (aprox. 2m), enquanto que os laterais são mais baixos (aprox. 1m), configurando um telhado de duas águas que quase toca o chão.

A estrutura da casa é composta por estes seis pilares, onde se apóiam as vigas da cobertura (cumeeira e frechais). A estrutura da cobertura é composta por caibros de troncos finos que se apóiam nos frechais e na cumeeira, sendo amarrados com cipó. Apoiados nos caibros estão amarradas as ripas de taquara. Na cobertura utilizam-se taquaras abertas ao meio e amassadas, dobradas no sentido transversal formando uma camada dupla. Estas são amarradas com cipó nas ripas de taquara.

Para o fechamento das paredes utiliza-se geralmente pau-a-pique de taquara, que é amarrada nas linhas horizontais das paredes e fincadas 5cm no solo. Posteriormente a casa pode receber um acabamento de taipa de mão.

4.3 ESTADO DE CONSERVAÇÃO

O telhado de taquara dura entre 7 e 10 anos, mas esse tempo depende muito das condições ambientais. O telhado é a parte da casa mais exposta às intempéries, porém o uso do fogo colabora na sua conservação, eliminando fungos e evitando o apodrecimento precoce.

O tempo que dura o revestimento de barro sobre a taquara é menor se comparado ao telhado. Acreditamos que deva durar no máximo cinco anos.

O revestimento de barro sobre o pau-a-pique de taquara dura até 5 anos.

Contudo, não são somente as condicionantes físicas e climáticas que determinam a durabilidade ou permanência da construção, conforme mencionado anteriormente, além do fato de que as famílias fazem a manutenção das casas, renovando as partes que se deterioram.

4.4 BENS MÓVEIS E INTEGRADOS

O fogo, cobertores ou esteiras para dormir e utensílios de cozinha (chaleira, cuia e bomba, vasilha d'água, panelas, pratos e mantimentos).

5 CRONOLOGIA

DATA

DESCRIÇÃO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES

--

--

--

--

F30

--

6 SENTIDOS REFERENCIAIS**6.1 HISTÓRIA**

Segundo Egon Schaden, ao que tudo indica, antigamente a família extensa vivia em uma grande habitação, seguindo o padrão de várias tribos Tupi-Guarani. Atualmente, os *Mbyá-Guarani* vivem em habitações bem menores, com espaço para abrigar as famílias nucleares. Na medida em que os filhos vão casando e a família aumentando, criam-se outras pequenas habitações próximas à casa dos pais da moça, numa adaptação da grande habitação agora constituída de pequenas casas próximas umas às outras com um pátio comum que as unifica.

Reconhecendo a natureza autárquica da organização sócio-econômica *Mbyá*, é legítimo supor que os antigos Guarani possuíam uma vida oscilando entre dois pólos: um deles, a aldeia mais permanente, composta por casas coletivas nas quais se concentravam em épocas de abundância alimentar; o outro, as *tataypy* (acampamentos/fogueiras) dispersos na mata, percorrendo o *tape* (caminho) Guarani. A expansão da civilização gerou o desaparecimento das grandes habitações e de aldeias permanentes, acentuando a itinerância que antes era apenas uma das partes do ciclo anual da vida *Mbyá*.

Por isso, as construções tradicionais apresentavam grandes variações, desde aquelas feitas em troncos de madeira para durar uma década a pequenas estruturas suportando ramos de árvore e compondo um rápido abrigo de acampamento. A variação também é determinada pela diversidade de recursos disponíveis em cada um dos ambientes em que os *Mbyá* se encontram.

Com a decomposição ambiental, os recursos naturais tornaram-se escassos, inviabilizando a reprodução das edificações *Mbyá*, tornando-se necessário agregar elementos industrializados, como lonas plásticas, telhas amianto, madeira beneficiada, pregos etc.

6.2 NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

[Trecho de entrevista com *Verá Miri* (Lino Casseres):

(...)

“Daniele – E a casa tradicional, a oó, ela é feita do mesmo jeito que a *Opy*? O material é o mesmo?

Lino – Ahã, do mesmo jeito, o mesmo material também. Só que tem a diferença que tem que fazer mais pequena que a *Opy*. A *Opy* depende de que tem pessoal, né. No caso como o *Inhacapetum*, eu acho que tem cento e poucas pessoas, não sei quantos tem lá, aí tem que fazer de dez metros por oito. Depende do tamanho da comunidade.

Daniele – E a casa das famílias é menor...

Lino – É menor, tipo de quatro metros por três metros.

Daniele – Quem constrói a casa tradicional?

Lino – Cada um faz a sua.

iDaniele – E reza também nesta casa?

Lino – Reza também. Qualquer índio se ele entra na casinha dele ele canta. Não é Karaí mas ele canta assim também. E quando entramos na *Opy* também não é só Karaí que pode cantar, todo pode cantar”.

Entrevista realizada em São Miguel das Missões em 03 de novembro de 2004. [Anexo 2: Registros Audiovisuais – Gravação Sonora nº 271].

Lino fala sobre o uso das duas casas (a do juruá e a do *Mbyá*):

“(…) É assim ó, o *Mbyá*, se sair o vento ou se cair as pedras, ou alguma coisa, né, se cair as pedras ele levanta tudo em cima do telhado juruá, né, mas a casa do *Mbyá* nunca, nenhum vento levanta. Nunca, nunca. Isso é proteção pro *Mbyá*, por isso ta fazendo ao lado da casa juruá. (...) Assim ó, por se caso hoje vai chover, né, se vai ter vento hoje também ele dorme assim na casa, na casinha dele. Se está bom tempo, ele dorme na casa de juruá”. [Anexo 2: Registros Audiovisuais – Gravação Sonora nº 271].

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES

--

--

--

--

F30

--

6.3 USOS COTIDIANOS

Pode-se dizer que a *oó* é a edificação que condensa em si o modo tradicional do cotidiano *Mbyá*, local onde fazem suas refeições, dormem, protegem-se do frio e das intempéries. Segundo relatos, apenas estas casas podem os resguardar de tempestades, raios e ventos fortes, pois dentro delas os deuses podem protegê-los.

Somente os *Mbyá* tem permissão (divina) para realizar a construção da *oó* ou casa tradicional. Eles jamais aceitam que um não-*Mbyá* participe de qualquer etapa do processo de construção de suas casas.

Interessante apontar que mesmo depois do programa RS Rural da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul ter construído casas de madeira para as famílias da Reserva, os *Mbyá* continuam a construir suas *oó* ao lado das “casas do branco” (como chamam as casas construídas pelo Estado) utilizando-as cotidianamente. A paisagem da *tekoá* (aldeia) está marcada por essa característica interessante.

Sempre que se torna possível o acesso à matéria-prima da casa tradicional, a família *Mbyá* opta por esse uso duplo: não abandona a “casa do juruá (não-indígena)”, mas distingue usos para uma e outra, principalmente relacionados ao clima. Ao falar de suas “casinhas de taquara”, como se referem, os *Mbyá* invariavelmente ressaltam que se sentem mais protegidos de tempestades e ventos em suas casas de taquara, optando por dormir nelas nesses dias. Em muitos casos, a “casa do branco” é utilizada como um depósito da família, um grande guarda-roupas e utensílios domésticos, misturados ao seu artesanato e materiais de trabalho. Os *Mbyá* não têm o costume de permanecer dentro das casas durante o dia, utilizando muito mais o pátio e seu entorno até a mata e os rios, e menos ainda ficam dentro destas casas. Então, os poucos momentos em que se fica em casa, que não seja à noite para dormir, acontecem à beira do fogo, e conseqüentemente, na *oó*.

A principal categoria contrastante entre as duas casas é o fato de que a casa tradicional é compatível com o uso diário do fogo de chão, elemento imprescindível ao modo de ser Guarani. Na construção das casas do Estado, procurou-se adaptá-las para permitir o uso do fogo, mas apenas na varanda frontal e não em seu interior, fato lamentado muitas vezes pelos *Mbyá*.

O fogo de chão dentro da casa tradicional tem ainda uma função de conservação, já que a fumaça afasta os insetos que degradam os elementos construtivos e protege as próprias pessoas.

6.4 USOS CERIMONIAIS

Considerando a dimensão holística do *nhande rekó*, muitas atividades que são cotidianas podem ser tratadas como cerimoniais como o fogo aceso, mantido durante a noite, o cheiro da lenha, a fumaça contante, o discurso dos velhos contando mitos, o chimarrão ao amanhecer na beira do fogo, aquecendo o corpo etc.

7 BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO					
Opy (casa de reza)	Anexo de bens culturais: A3.2 Nº 02					
	Ficha de Identificação de bens:					
	RS	01	02	06	F30	02
Artesanato	Anexo de bens culturais: A3.2 Nº 05					
	Ficha de Identificação de bens:					
	RS	01	02	06	F60	01
Tekoá Koenju	Anexo de bens culturais: A3.2 Nº 4					
	Ficha de Identificação de bens:					
	RS	01	02	06	F50	01

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES

--

--

--

--

F30

--

8 PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Mapa 22 – Casas e pátio na Tekoá Koenju
 Mapa 23 – Distribuição casas Tekoá Koenju
 Desenho técnico da oó

9 DOCUMENTOS INVENTARIADOS**9.1 DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

SCHADEN, Egon. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.

ZANIN, Nauíra Zanardo. Desenho técnico da oó Mbyá-Guarani da Tekoá Koenju, 2006. [Ver desenho em arquivo Acrobat nesta mesma pasta].

9.2 REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Anexo 2: Registros audiovisuais – Vídeo: FITA 06 – Casa de passagem no Sítio Arqueológico; aldeia (artesanato).

9.3 REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Anexo 2: Registros Audiovisuais – 1. Fotografias e artes visuais nºs:
 128; 140; 814; 184; 216; 217; 218; 219; 872; 873; 874; 875; 876; 877; 878; 879; 880; 881; 882; 883; 884; 885; 886; 887;
 888; 889; 890; 912; 913; 914; 915.

10 OBSERVAÇÕES**10.1 APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Aprofundar estudo etnobotânico na paisagem circundante à Reserva Indígena Inhapetum e à Mata São Lourenço, observando o gerenciamento dos recursos necessários à construção das oó.

10.2 IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não há recomendação de identificar outros bens.

10.3 OUTRAS OBSERVAÇÕES

Sem observações.

11 IDENTIFICAÇÃO DA FICHA**QUESTIONÁRIOS ANALISADOS**

Não foram utilizados questionários e os dados foram obtidos pela metodologia de pesquisa baseada na observação participante – técnica antropológica de coleta de informações – e conversas informais no convívio com os *Mbyá-Guarani*, além da pesquisa prévia bibliográfica.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--
--	----	----	----	----	------------	----

PESQUISADOR(ES)	Daniele de Menezes Pires Arq. Nauíra Zanardo Zanin		
SUPERVISOR	José Otávio Catafesto de Souza		
REDATOR	Daniele de Menezes Pires Arq. Nauíra Zanardo Zanin		DATA 11/09/2006
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Beatriz Muniz Freire		